

## O PROTAGONISMO FEMININO NAS NARRATIVAS DE MARÍA ROSA LOJO

Dra. MARIA DE FÁTIMA ALVES DE OLIVEIRA MARCARI  
Universidade Estadual Paulista (UNESP)  
Assis, São Paulo, Brasil  
(fatima.marcari@unesp.br)

Dra. FERNANDA APARECIDA RIBEIRO  
Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL)  
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil  
(fer\_congressos@hotmail.com)

Dra. KÁTIA RODRIGUES MELLO MIRANDA  
Universidade Estadual Paulista (UNESP)  
Assis, São Paulo, Brasil  
(katiarmellomiranda@gmail.com)

RESUMO: Este artigo objetiva analisar as características gerais do protagonismo feminino em quatro romances históricos da argentina María Rosa Lojo: *La princesa federal* (1998), *Una mujer de fin de siglo* (1999), *Las libres del Sur* (2004) e *Finisterre* (2005). As protagonistas revelam uma trajetória que vai da submissão à emancipação feminina, ainda que dentro dos moldes permitidos pela sociedade do século XIX e início do século XX. Buscamos identificar as estratégias narrativas para levantar as vozes femininas silenciadas e reivindicar o valor da atuação das protagonistas na construção identitária nacional, a partir de estudos de Giuffré (2004), Cunha (2004) e Mathieu (2004) sobre o romance histórico na Argentina, ademais dos estudos de Braidotti (2000), sobre a subjetividade nômade.

Palavras-chave: Romance histórico. Protagonismo feminino. Identidade. Literatura e História.

Artigo recebido em: 11 jul. 2020.  
Aceito em: 20 jul. 2020.

MIRANDA, Kátia Rodrigues Mello; RIBEIRO, Fernanda Aparecida; MARCARI, Maria de Fátima Alves de Oliveira. O protagonismo feminino nas narrativas de María Rosa Lojo. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 2 (2020), p. 84-102.  
Curitiba, Paraná, Brasil  
Data de edição: 09 set. 2020.

## EL PROTAGONISMO FEMENINO EN LAS NARRATIVAS DE MARÍA ROSA LOJO

RESUMEN: El objetivo de este trabajo es analizar las características generales del protagonismo femenino en cuatro novelas históricas de la argentina María Rosa Lojo: *La princesa federal* (1998), *Una mujer de fin de siglo* (1999), *Las libres del Sur* (2004) y *Finisterre* (2005). Las protagonistas revelan una trayectoria que va desde la sumisión hasta la emancipación femenina, aunque dentro de los moldes permitidos por la sociedad de los siglos XIX y principios del XX. Buscamos identificar las estrategias narrativas para elevar las voces femeninas silenciadas y reclamar el valor de la actuación de las protagonistas en la construcción de la identidad nacional, a partir de los estudios de Giuffré (2004), Cunha (2004) y Mathieu (2004) sobre la novela histórica en Argentina, además de los estudios de Braidotti (2000), sobre la subjetividad nómada.

Palabras clave: Novela histórica. Protagonismo femenino. Identidad. Literatura e Historia.

### PALAVRAS INICIAIS

Atualmente observa-se a proliferação de produções literárias de autoria feminina que, em suas representações das identidades e diferenças, ultrapassam a simples oposição de gêneros, ao problematizar distintas coordenadas de poder, hegemonia, cultura e resistência. Dentre as produções hispano-americanas, destacamos a obra ficcional de María Rosa Lojo (1954-), especialmente suas narrativas de cunho histórico, que problematizam e elaboram uma revisão do passado argentino ao recriar acontecimentos, personagens históricos e, sobretudo, a vida de figuras femininas históricas ou apócrifas, além de figuras minoritárias como os indígenas e mestiços, que representam, ao lado das mulheres, as várias identidades que foram objeto de exclusão ou homogeneização pelo discurso histórico tradicional.

MIRANDA, Kátia Rodrigues Mello; RIBEIRO, Fernanda Aparecida; MARCARI, Maria de Fátima Alves de Oliveira. O protagonismo feminino nas narrativas de María Rosa Lojo. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 2 (2020), p. 84-102.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 09 set. 2020.

A respeito da narrativa histórica na Argentina nas últimas décadas, Mercedes Giuffré (2004) também assinala que o número de obras literárias que operam uma revisão do passado teve um aumento significativo porque expõem temas, personagens e episódios que não foram contemplados pelos discursos históricos. Em uma breve genealogia dos estudos do romance histórico, Giuffré descreve a evolução do gênero na Argentina nas últimas três décadas do século XX, destacando que, na estrutura do discurso do romance histórico,

entram em jogo a crise das ideologias, própria do pós-modernismo, o questionamento das estruturas sobre as quais se orquestravam o pensamento estético e o discurso historiográfico referencial, a descrença frente às interpretações impostas pelas gerações anteriores e, no caso argentino, a emergência da desidentidade ou a identidade não resolvida. (GIUFFRÉ, 2004, p. 27, tradução nossa)<sup>1</sup>

Nesse sentido, o romance histórico argentino elabora um movimento de dessacralização das grandes figuras heroicas do passado, ao mesmo tempo em que incorpora vozes de grupos subalternos que foram silenciados ao longo do tempo pelos discursos hegemônicos. No início, alguns escritores escolheram o caminho do contradiscurso; contudo, uma grande parte deles, inclusive a argentina María Rosa Lojo, segundo Giuffré (2004), não desconsidera as fontes históricas, mas, a partir delas, busca questionar as interpretações oferecidas, inserindo no discurso ficcional personagens históricos e, assim, avivando o debate sobre a identidade nacional, por meio de uma pluralidade de vozes e perspectivas.

Em *La narrativa histórica de escritoras latinoamericanas* (2004), Gloria da Cunha, assim como as demais pesquisadoras que compõem o livro, observa que as narrativas históricas escritas por mulheres ao longo do século XIX e até meados do século XX se desenvolvem dentro dos paradigmas do romance histórico escrito pelos homens no século XIX, ou seja, o modelo clássico propagado pelo escritor escocês Walter Scott, mas já apresentam algumas diferenças. Nas primeiras produções da narrativa histórica escrita por mulheres já se observa uma recuperação da história da conquista e do período

---

<sup>1</sup> “*entran en juego la crisis de las ideologías, propia del Posmodernismo, el jaque a las estructuras sobre las que se orquestraban el pensamiento estético y el discurso historiográfico referencial, el descreimiento frente a las interpretaciones impuestas por las generaciones anteriores y, en el caso argentino, la emergencia de la desidentidad o la identidad no resuelta*”.

colonial na América Latina, “não com a intenção de glorificá-la, mas com ânimo de resgatar e destacar aspectos descuidados da mesma” (CUNHA, 2004, p. 20, tradução nossa)<sup>2</sup>, assinalando a participação feminina na luta contra a autoridade espanhola e contra a opressão masculina, bem como a presença de protagonistas indígenas.

A partir de meados do século XX, as inovações técnicas e a contestação da história trazem mudanças ideológicas e formais mais profundas para o seio das narrativas. Na narrativa histórica contemporânea, portanto, a releitura crítica do passado se faz presente tanto em obras de autoria masculina como feminina, e permite às escritoras liberdade para escrever e, assim, oferecer novas interpretações da história “com a intenção de refundá-la, mediante a crítica, ou completá-la a partir da própria perspectiva” (CUNHA, 2004, p. 22, tradução nossa)<sup>3</sup>.

A esse respeito, Corina Mathieu (2004), no capítulo “Argentina” do livro organizado por Gloria da Cunha, faz uma retrospectiva da ficção narrativa das autoras argentinas. As primeiras romancistas foram Eduarda Mansilla e Rosa Guerra que, em 1860, ficcionalizam a história da cativa Lucía Miranda. Elas foram as responsáveis por abrir caminho para a escrita feminina em seu país, mesmo que muitas vezes sua literatura ainda repetisse os modelos europeus canônicos. Em meados do século XX, a narrativa histórica de autoria feminina ainda apresentava uma técnica tradicional, mas a representação das protagonistas femininas rompia com o modelo exaltado pelo patriarcalismo (a mulher anjo do lar) e “por volta de 1980 começarão a ser publicados romances históricos que refletirão não somente as transformações técnicas, mas que também abordarão temas históricos a partir de perspectivas renovadas” (MATHIEU, 2004, p. 37, tradução nossa)<sup>4</sup>, nas quais as escritoras questionam e propõem releituras do passado histórico, por meio da emergência de vozes subalternizadas, esquecidas ou silenciadas ao longo do tempo.

No âmbito dos romances históricos latino-americanos de autoria feminina, que propõem uma revisão e preenchimento de lacunas historiográficas, hoje figuram nomes de destaque como a chilena Isabel Allende, a argentina María Rosa Lojo, a uruguaia Susana Cabrera, a paraguaia Renée Ferrer, a equatoriana Argentina Chiriboga, a porto-riquenha

---

<sup>2</sup> “no con la voluntad de glorificarla, sino con ánimo de rescatar y destacar aspectos descuidados de la misma”.

<sup>3</sup> “con la intención de refundarla, mediante la crítica, o completarla desde la propia perspectiva”.

<sup>4</sup> “alrededor de 1980 empezarán a publicarse novelas históricas que reflejarán no sólo las transformaciones técnicas, sino que también abordarán temas históricos desde perspectivas renovadas”.

Mayra Santos Febre e, a colombiana Adelaida Fernandez Ochoa, dentre muitas outras.

Na presente análise, destacamos o protagonismo feminino em quatro romances escritos por María Rosa Lojo, a saber, *La princesa federal* (1998), *Una mujer de fin de siglo* (1999), *Las libres del Sur* (2004) e *Finisterre* (2005). Tanto a trajetória das protagonistas históricas dos três primeiros livros (Manuela Rosas, as escritoras Eduarda Mansilla e Victoria Ocampo), como a das protagonistas fictícias de *Finisterre* (a galega Rosalind Neira e a inglesa Elizabeth), retratam a vida de mulheres do século XIX e XX em diferentes condições de “marginalização”. Os romances selecionados centram-se, sobretudo, na reconstrução do cânone literário e na releitura da história argentina como um processo de apropriação dos espaços hegemônicos pelos grupos marginalizados e silenciados ao longo da história, criando um campo de estudo em cujo âmago a escritora recoloca aqueles que também participaram da construção identitária de seu país, sobretudo as mulheres.

Nesse sentido, a ocupação dos espaços públicos pelas mulheres e sua participação na construção da história e da literatura argentina constituem temas fundamentais para o revisionismo histórico presente nas obras da autora. A esse respeito, María Rosa Lojo (2010, tradução nossa)<sup>5</sup> afirma em uma entrevista: “sempre tivemos uma visão pobre, muito achatada das mulheres da história, como se tivessem sido somente filhas de, esposas de, amantes de, e como se nada valessem por si mesmas”.

*La princesa federal*, romance histórico publicado por Lojo em 1998, marca o início da reivindicação do espaço feminino em sua narrativa histórica. O enredo se passa em Londres, no final do século XIX, cidade onde Manuela Rosas (1817-1898), filha do governante argentino Juan Manuel Rosas (1793-1877), se exilou após a queda de seu pai do governo. Ela recebe visitas do médico Gabriel Victorica, personagem ficcional, que é o narrador do livro e quer entrevistá-la. O médico está em posse de um memorial (fictício) chamado de *cuaderno punzó*<sup>6</sup>, que teria sido escrito por Pedro de Ángelis, um intelectual napolitano que estivera a serviço de Rosas e que foi uma espécie de preceptor de Manuela, no qual ele descreve a vida de Manuela e tece críticas acerca do governo rosista.

---

<sup>5</sup> “Siempre hemos tenido una visión pobre, muy achatada de las mujeres de la historia, como si hubieran sido solamente hijas de, esposas de, amantes de, y como si nada valieran por si mismas”.

<sup>6</sup> Trata-se de um caderno de memórias do personagem. A referência “punzó” não só remete à cor vermelha (associada à paixão e ao poder), mas também a um distintivo vermelho que os federalistas usavam na época do governo de Juan Manuel Rosas.

Assim, a ficcionalização de Manuela se configura em uma imbricada teia de vozes que problematizam a descrição da personagem feminina fora dos estereótipos de “anjo” ou “bruxa” (LEHMAN, 2007), que eram encontrados nas obras de autoria masculina, especialmente do século XIX. A imagem ambígua de Manuela Rosas já está expressa no prefácio do romance, que apresenta uma epígrafe retirada de um trecho da biografia escrita por José Mármol (1851, tradução nossa):

Aqui está um nome conhecido por todos, mas que indistintamente alguns aplicaram-no a um anjo, outros a um demônio. Pois essa mulher, que inspirou já tantas páginas a seu favor e tantas em seu mal, pode contar, entre os caprichos de seu estranho destino, o de nunca ter sido compreendida, nem por seus apologistas nem por seus detratores.<sup>7</sup>

A personagem ficcional, assim como a figura histórica de Manuela, não buscava se encaixar nos padrões da sociedade patriarcal, que preconizava a figura da mulher educada em casa para desempenhar os papéis de mãe e de esposa. Por outro lado, Manuela tampouco foi uma mulher que teria se negado a assumir o papel de esposa, já que se casou com Máximo Terrero, com quem viveu até o fim de sua vida; contudo, adiou por muitos anos o casamento, que ocorreu sem o consentimento de seu pai.

No romance lojiano, a protagonista é descrita também como uma mulher que transgride os preceitos instituídos pela sociedade, ao ser retratada tanto como uma mulher consciente e agente de sua vida amorosa, como atuante na vida política de seu país. Desde o início do enredo, pela voz da protagonista, já é possível encontrar exemplos de como a educação dada a Manuela já diferia dos padrões patriarcais:

Pois nenhuma menina era muito instruída naquela época, exceto na prática da religião e da virtude. [...] Em vez disso, eu sabia montar melhor do que os coronéis de meu pai, e quase tão bem quanto ele, e muito poucos me venciam em exercícios de tiro. [...] O meu maior prazer era os bons cavalos e a vida no campo, para onde íamos no verão e em todos os momentos possíveis. (LOJO, 1998, p. 40, tradução nossa)<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> *“He ahí un nombre conocido de todos, pero que indistintamente lo han aplicado unos a un ángel, otros a un demonio. Pues esa mujer, que ha inspirado ya tantas páginas en su favor y tantas en su daño, puede contar, entre los caprichos de su raro destino, el no haber sido comprendida jamás, ni por sus apologistas, ni por sus detractores”.*

<sup>8</sup> *“Pues a ninguna niña se la instruía mucho en aquella época, como no fuese en la práctica de la religión y la virtud. [...] En cambio yo sabía montar mejor que los coroneles de mi padre, y*

Enquanto as moças de sua época eram confinadas ao espaço privado da casa, aprendendo ofícios domésticos, Manuela conviveu ao lado de seu pai e aprendeu ofícios que eram atribuídos apenas aos homens, como cavalgar e atirar, demonstrando que ela poderia desempenhar qualquer tarefa tida como masculina.

Sobretudo, cabe enfatizar o desempenho de Manuela como uma primeira dama extraoficial após a morte de sua mãe e seu destacado papel na política argentina, pois ela atuava como mediadora entre o povo argentino e o seu pai, bem como recebia e convivia com representantes de diversos setores e políticos estrangeiros. Ou seja, Manuela já era uma figura à frente de seu tempo, não se sujeitando aos meros papéis de filha ou esposa.

Gabriel Victorica, personagem fictício que seria neto do chefe da polícia de Rosas, faz papel de mediador entre os depoimentos de Manuela e os fatos que teriam sido registrados por Pedro de Ángelis. Pela perspectiva desse personagem, percebe-se como a protagonista desde muito jovem já era uma mulher consciente de seu papel político e sabia manipular as situações a seu favor. De Ángelis registra em seu memorial, o “*cuaderno punzó*”, a convivência com a jovem e o pai dela; uma estratégia narrativa apresentada para reelaborar e reinterpretar o passado e dar voz, inclusive, a Rosas, não para aclamá-lo, mas para apresentar uma outra faceta do personagem histórico, um ditador que reconhece a importância da atuação da filha em sua trajetória:

– Legitimamente represento diante do Exterior a Confederação Argentina. Luto contra a anarquia interna, contra as ambições dos líderes locais e contra as reivindicações de governos estrangeiros que buscam nos tornar vassalos. Eu sou a ordem. [...] Nós – você e eu, Manuela Rosas – somos La Pampa. (LOJO, 1998, p. 81-82, tradução nossa)<sup>9</sup>

Impulsionado pela memória histórica do passado de seu país e pela memória coletiva de seu povo, Gabriel vai entretecendo em sua narrativa os

---

*casi también como él mismo, y muy pocos me ganaban en los ejercicios de tiro. [...] Mi mayor gusto eran los buenos caballos y la vida del campo, a donde íbamos en verano, y en todo momento posible.”*

<sup>9</sup> “– Legitimamente represento ante el Exterior a la Confederación Argentina. Lucho contra la anarquía interna, contra las ambiciones de los caudillos locales, y contra las pretensiones de los gobiernos extranjeros que buscan avasallarnos. Soy el orden. [...] Nosotros – vos y yo, Manuela Rosas – somos la Pampa.”

MIRANDA, Kátia Rodrigues Mello; RIBEIRO, Fernanda Aparecida; MARCARI, Maria de Fátima Alves de Oliveira. O protagonismo feminino nas narrativas de María Rosa Lojo. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 2 (2020), p. 84-102.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 09 set. 2020.

relatos que compõem o retrato de uma mulher sedutora e intrigante, cuja imagem histórica e literária está associada ao poder e à emancipação feminina. Neste sentido, o que sobressai não é uma figura que impõe suas vontades, mas uma mulher de alto poder político, que sabia como dominar situações e pessoas:

- Se você proceder à maneira dos índios, não é necessária a força bruta para tornar um cavalo selvagem o melhor dos aliados. Tempo e paciência, nada mais. Como se faz com os homens.
- A senhora já dominou homens?
- Meu filho, que palavra desagradável. Tatita gostava de usá-la. Mas na verdade eu nunca dominei. Nem cavalos nem machos da espécie humana. Eu os convenci. (LOJO, 1998, p. 156, tradução nossa)<sup>10</sup>

Desse modo, o protagonismo de Manuela emerge por meio dos relatos presentes no caderno de seu preceptor, De Angelis, e dos depoimentos concedidos pela própria Manuela, já idosa, a Gabriel. Ao confrontar a Manuela jovem à Manuela anciã, o romance problematiza a versão de discursos que relatam que ela teria sido uma mulher que viveu à sombra de seu pai e que era controlada por ele. Ao contrário, o protagonismo de Manuela fica evidente em contraposição aos discursos hegemônicos, como o de José Mármol, por exemplo, que a descreveu como uma “vítima dos desmandos” de Rosas.

Assim, as versões sobre ela surgem de lugares e tempos diversos, que levam o leitor a “unificar ambas versões em uma síntese integradora ou [...] aceitar que a ambiguidade continua sendo a resposta [...] às decisões tomadas por uma mulher” (MÓNACO, 2007, p. 188, tradução nossa)<sup>11</sup>. Portanto, a obra reflete a criatividade inerente aos textos historiográficos e literários que abordam figuras do passado a partir de múltiplas versões e perspectivas.

---

<sup>10</sup> “– Si se procede a la manera india, no es necesaria la fuerza bruta para convertir un caballo salvaje en el mejor de los aliados. Tiempo y paciencia, nada más. Como se hace con los hombres.

– ¿Ha dominado usted hombres?

– Hijo mío, qué palabra más antipática. A Tatita le gustaba usarla. Pero en realidad yo nunca he dominado. Ni caballos ni machos de la especie humana. Los he persuadido.”

<sup>11</sup> “unificar ambas versiones en una síntesis integradora o [...] aceptar que la ambigüedad sigue siendo la respuesta a [...] las decisiones tomadas por una mujer”.

## EDUARDA MANSILLA E VICTORIA OCAMPO: ESCRITORAS E MEDIADORAS CULTURAIS

Em *Una mujer de fin de siglo* (1999), María Rosa Lojo recria a trajetória de outra importante figura feminina do século XIX: a romancista Eduarda Mansilla (1834-1892), uma mulher que pertenceu à elite política argentina, sobrinha do presidente Juan Manuel Rosas e esposa de um diplomata. Mansilla se dedicou à música como compositora e intérprete e é uma das pioneiras da literatura argentina, com grande variedade de produções: relatos de viagens, teatro, romance, conto e narrativa para crianças. Além da multiplicidade de gêneros, a obra de Mansilla se torna notória também pela qualidade e pelos temas que aborda, como a problematização do binômio civilização *versus* barbárie, presente na cultura argentina, bem como a problematização da emancipação feminina e o questionamento da separação de papéis sociais entre homens e mulheres.

Malva Filer (2007), em um estudo sobre o romance lojiano, declara que Eduarda Mansilla, Juana Manuela Gorriti e Juana Manso são hoje consideradas cofundadoras da literatura de seu país, reconhecidas graças ao trabalho de pesquisas realizadas nas últimas décadas. Contudo, antes desse reconhecimento, Eduarda Mansilla foi uma escritora esquecida pelas letras argentinas durante muito tempo, devido ao cânone predominantemente masculino, que ratificou o silenciamento que sempre fora imposto às mulheres ao longo da história, sendo elas escritoras ou não.

*Una mujer de fin de siglo* apresenta uma narrativa dividida em três partes, cada qual trazendo como referente uma obra da escritora ou um texto sobre ela, tecendo uma narrativa que menciona diversas obras literárias e, inclusive, cinematográficas. Na primeira parte, o romance dialoga com *Recuerdos de viaje* (1882), de Eduarda Mansilla; na segunda, o referente é o conto “Kate”, presente no livro *Creaciones* (1882), também de Mansilla; por último, encontramos as memórias de Daniel, filho de Eduarda Mansilla. Como em outras composições literárias lojianas, a figura feminina que se constrói ao longo da narrativa está em um processo de ruptura dos paradigmas da sociedade, submersa em conflitos de identidade, oscilando entre realizar a(s) sua(s) vontade(s) ou desempenhar os papéis sociais que lhe são impostos.

A princípio, a protagonista parece aceitar as convenções patriarcais argentinas. Casada com o diplomata Manuel Rafael García – que considera que “as mulheres brilham mais e melhor no seio do lar” e que “não devem ter

seus direitos políticos” (LOJO, 2007, p. 28, tradução nossa)<sup>12</sup>, a escritora aceita a tutela de seu marido. Ela conhece a sufragista Judith Miller, uma personagem fictícia que defende a emancipação feminina e questiona a atitude da protagonista em usar um pseudônimo ao invés do próprio nome, uma vez que, segundo a sufragista, para ser uma escritora “não é necessário vestir-se de homem” (LOJO, 2007, p. 96, tradução nossa)<sup>13</sup>. Com o passar do tempo, Mansilla começa a perceber os sacrifícios pessoais que realiza para ser a esposa de um diplomata, tendo que acompanhá-lo em suas frequentes mudanças de países.

Para problematizar as questões sobre a emancipação feminina, na segunda parte a autora utiliza como narradora a personagem Alice Frinet, uma secretária francesa que convive com Eduarda Mansilla em seus anos na Argentina, já separada do marido e longe dos filhos, tentando firmar-se como escritora. Alice representa uma geração de mulheres europeias que não têm o peso da tradição patriarcal para lhes obrigar a serem mães e esposas e que podem trabalhar e escolher seu parceiro. Pela voz de Alice, a autora recria os conflitos mais intensos no romance vividos por Eduarda, que oscila entre os deveres de mãe e sua paixão pela escrita. Vemos a tentativa do editor do seu livro de contos de persuadi-la a desistir de escrever e de publicar literatura, porque acredita que o público leitor duvidaria da capacidade de escrita das mulheres; assim como os comentários das mulheres da sociedade que reprovavam a atitude da escritora de não seguir o modelo patriarcal de mãe e esposa. Finalmente, as cartas (fictícias) de Eduarda revelam os conflitos que enfrentava por ser escritora em uma sociedade que ditava as regras e os papéis sociais femininos.

Nesse sentido, a diferença sexual naturalizada pelo patriarcado e problematizada no romance é, de acordo com Braidotti (2000), um tipo de cartografia política baseada na relação assimétrica de poder que discrimina e desqualifica o feminino e busca confiná-lo em um lugar periférico, a partir do qual não pode ameaçar a dominação masculina.

A epígrafe da segunda parte é o conto “Kate”, que narra a história do sofrimento de uma mãe ao educar o seu filho e “a infeliz história de um homem honesto (o pai), que sacrificou seu filho por uma questão de dever” (MANSILLA, 2006, p. 250, tradução nossa)<sup>14</sup>. No conto mencionado, ocorre a

---

<sup>12</sup> “*las mujeres brillan más y mejor en el seno del hogar*”; “*no deben tener sus derechos políticos.*”

<sup>13</sup> “*no hace falta vestirse de varón.*”

<sup>14</sup> “*la muy lamentable historia de un hombre honrado (el padre), que sacrificó su hijo en aras de un deber.*”

separação do casal, assim como Eduarda também havia se separado do esposo. As questões de maternidade e paternidade são postas em evidência, tendo cada uma pesos diferentes para a sociedade, estabelecendo um paralelo com as inquietações da protagonista Eduarda, ao ser criticada por estar longe da família e não ser uma mãe “exemplar”.

Na última parte da narrativa, o filho Daniel rememora a tristeza de Eduarda em seus últimos anos, quando optou pelo silêncio e o isolamento. Não sabemos exatamente o que aconteceu com Eduarda ao final de sua vida, mas, pelas vozes dos personagens narradores, percebemos o sofrimento da protagonista e seu sentimento de culpa por não conseguir conciliar a maternidade e o casamento com sua vocação artística. O romance lojiano põe em evidência as inquietações da mulher escritora, ao mesmo tempo que recupera a memória da escrita de Eduarda Mansilla, reconhecendo sua participação na fundação da literatura nacional.

Eduarda e Victoria Ocampo, protagonista de *Las libres del Sur*, acreditavam obstinadamente no valor insubstituível da expressão feminina, a partir de posições históricas distintas. As narradoras, que eram uma novidade para a cultura do século XIX, surgiram como um grupo que propunha posturas comuns: a oposição às guerras civis na Argentina e a possibilidade de laços de amor ou amizade entre membros de bandos opostos, o resgate, no imaginário ficcional, das raízes aborígenes e, sobretudo, a bandeira do direito à educação feminina (LOJO, 2014b).

O questionamento das normas sociais construídas pelo patriarcado, não apenas no século XIX, mas também no século XX, também é alvo do romance *Las libres del Sur* (2004). Protagonizada pela escritora Victoria Ocampo (1890-1979), a narrativa tem como foco os anos de 1924 a 1931, período da formação intelectual da escritora e que antecedeu a fundação da revista *Sur* por Victoria, que publicava textos de escritores da Argentina, América, Europa e Oriente, e se tornou uma das mais importantes revistas literárias do mundo. Victoria, personagem histórica e literária, pertencia à elite social argentina que, de ideologia patriarcal, oprimia as mulheres ao separar os papéis sociais e os espaços a serem ocupados por homens e mulheres. Victoria Ocampo não concorda com as normas impostas e tenta viver uma liberdade que lhe era negada; assim, encontra seu caminho nas letras, comunicando-se com intelectuais estrangeiros e fundando a revista *Sur*, que abre caminho para a divulgação da produção dos grandes intelectuais de seu país.

Ao longo da narrativa lojiana, a protagonista dialoga com diversos personagens da literatura nacional e internacional, debatendo temas literários,

questionamentos sobre a identidade argentina e sul-americana, assim como sobre a luta pela emancipação feminina. Na primeira parte do livro, Victoria hospeda em sua casa o indiano Rabindranath Tagore, primeiro escritor não europeu a ganhar o prêmio Nobel de Literatura. Victoria duvidava seriamente da originalidade cultural argentina, contudo, é levada a valorizar a cultura não apenas de seu país, mas a riqueza cultural de toda a América, bem como a assumir seu papel de mediadora cultural. Nos diálogos travados com Tagore, ele assegura que “[...] os incas, que não tinham livros, nem sequer uma linguagem escrita, e que nunca cruzaram o mar, fizeram maravilhas em ciência, em arquitetura, em arte. Vocês têm que aprender a olhar para si mesmos, em vez de olhar para a Europa” (LOJO, 2006, p. 66, tradução nossa)<sup>15</sup>.

Como em *En una mujer de fin de siglo*, a autora também lança mão de uma personagem testemunha ficcional para questionar os obstáculos para a emancipação feminina: Carmen Brey, uma moça galega que viaja a Buenos Aires para procurar o irmão e que acaba trabalhando para Victoria como assistente e intérprete. É a partir do olhar dela que vemos a evolução intelectual de Victoria. María Rosa Lojo, em uma entrevista a Leila Guerreiro (2004), publicada no jornal *La nación*, aponta as diferenças entre as duas personagens:

Carmen e Victoria são muito diferentes. Carmen é mais independente, tem coragem de cortar laços familiares que Victoria nunca se atreveu a cortar. Victoria transgredir, trapaceia, vende joias para pagar a estadia de Tagore porque sua família não lhe dá dinheiro, mas não tem coragem de enfrentá-los diretamente. Este romance mostra o trânsito de Victoria Ocampo, a mutação nesses dez anos<sup>16</sup>.

Apesar de pertencer à alta elite que ratificava as normas sociais distintas para homens e mulheres, Victoria não aceitava as normas impostas às mulheres e buscava romper as regras com atitudes como dirigir seu próprio

---

<sup>15</sup> “[...] los incas, que no tenían libros, ni siquiera lengua escrita, y que nunca cruzaron el mar, hicieron maravillas en ciencia, en arquitectura, en arte. Tienen que aprender a mirarse a ustedes mismos, antes que a mirar a Europa”.

<sup>16</sup> “Carmen y Victoria son muy distintas. Carmen es más independiente, se anima a cortar los lazos familiares que Victoria nunca se atrevió a cortar. Victoria transgrede, hace trampas, vende joyas para pagar la estadia de Tagore porque su familia no le da dinero, pero no se anima al enfrentamiento directo. Esta novela muestra el tránsito de Victoria Ocampo, la mutación en esos diez años, de 1924 a 1931”.

carro, ter um amante, separar-se do marido, escrever artigos sobre temas como o adultério etc. No entanto, apesar dessas ações pontuais, Victoria não se liberta totalmente do domínio patriarcal. Carmen Brey, por sua vez, é uma personagem nômade, que apresenta grande mobilidade no romance, não somente saindo da Europa para ir à América, mas se deslocando de Buenos Aires para os pampas, à procura de seu irmão.

Carmen é contratada por Victoria Ocampo para ser acompanhante de seu hóspede, o poeta indiano Rabindranath Tagore. Pode-se dizer que Carmen não é somente a confidente de Ocampo e Tagore, mas também estabelece uma ponte comunicativa entre Victoria e um séquito de personagens históricos que povoam o romance, unindo-os sob o mesmo enredo: Evita, Jorge Luis Borges, María Rosa Oliver, José Ortega y Gasset, Waldo Frank, Robert Arlt e Leopoldo Marechal, entre outros.

Ao longo da narrativa, Victoria vai ponderando as questões apresentadas por seus interlocutores, escritores estrangeiros, e não apenas terminará se convencendo de suas próprias aptidões literárias, mas também das possibilidades da América Latina, e da Argentina em particular, para um projeto e uma realização cultural diferentes, valiosos em suas diferenças. A amizade com Waldo Frank lhe ajuda a decidir a canalizar suas energias e aspirações na fundação da revista *Sur*, na qual os escritores de seu país puderam publicar suas obras e alcançar reconhecimento. Somente quando deixa de ser discípula e musa dos grandes intelectuais e se converte em agente cultural ela se torna uma mulher-sujeito, atuante no campo cultural dominado pelo homem (RIBEIRO, 2010).

#### *FINISTERRE*: IDENTIDADES FEMININAS EM TRÂNSITO

A recriação de um mito feminino pertencente ao imaginário argentino, a *cautiva*, surge em *Finisterre*, publicado em 2005. O mito fundador da cativa, que simboliza a identidade nacional roubada, que deve ser recuperada a qualquer custo, aparece pela primeira vez em um dos capítulos das crônicas da conquista e colonização do Rio da Prata, *La Argentina manuscrita* (1612). Ruiz Díaz de Guzmán relata a história de Lucía Miranda, espanhola que acompanhava o marido, um soldado da expedição de Sebastián Caboto, que foi capturada e morta pelos índios timbus. O relato é considerado a base de um tema caro para a construção identitária argentina: a pretensa superioridade do homem branco *versus* a “inferioridade” dos povos indígenas – a dicotomia conhecida como “civilização e barbárie”.

MIRANDA, Kátia Rodrigues Mello; RIBEIRO, Fernanda Aparecida; MARCARI, Maria de Fátima Alves de Oliveira. O protagonismo feminino nas narrativas de María Rosa Lojo. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 2 (2020), p. 84-102.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 09 set. 2020.

No romance lojiano, a história de Rosalind representa a reelaboração da história das cativas brancas raptadas pelos indígenas, que passavam a viver nas aldeias como escravas, amantes e até se convertiam em esposas. Em solo argentino, Rosalind conhece Oliver Armstrong, um inglês que buscava fazer fortuna na América, que posteriormente tem uma filha com uma indígena e leva a menina Elizabeth para Londres, apagando a sua história e ancestralidade americana.

Após muitos anos de convívio entre os índios ranqueís, Rosalind consegue voltar para a Galícia e se comunica com Elizabeth. Suas cartas remontam a quarenta anos atrás, rememorando a história que uniu Rosalind e Oliver Armstrong, pai de Elizabeth, que mantém uma relação amorosa durante alguns meses. O intuito de Rosalind não é apenas relatar tudo o que viveu entre os índios, mas também contar a história do nascimento e os primeiros anos de Elizabeth, uma vez que a menina ficou sob seus cuidados. Nas cartas, Rosalind descreve a cultura e a vida indígena, não em termos de superioridade/inferioridade, como havia ocorrido nos discursos literários hegemônicos; ao contrário, há uma desconstrução da dicotomia civilização e barbárie no texto, ao proporcionar ao leitor uma perspectiva diferente da vida e da cultura do outro.

O tema do exílio aparece no romance inicialmente como um elemento positivo, pois Rosalind e seu esposo médico deixam a empobrecida Galícia e vão para a Argentina em busca de uma vida melhor. Contudo, ocorre o assalto indígena, o marido de Rosalind é morto e ela perde o filho que esperava. O exílio forçado em terras indígenas passa, então, a ter uma conotação negativa, enfocando a violência das travessias impostas. Durante o rapto, Rosalind sofre um corte profundo no ventre e fica entre a vida e a morte. O xamã, curandeiro da aldeia, cuida de seu ferimento e, após muitos dias, ela desperta curada e, ao apalpar a cicatriz em seu ventre, “as bordas de carne [...] falavam de um tempo irremediavelmente cortado e dividido” (LOJO, 2014, p. 65, tradução nossa)<sup>17</sup>. A cicatriz representa a cisão com sua vida anterior; Rosalind compreende a mudança profunda em seu destino e que teria que adaptar-se à vida nos pampas para sobreviver.

Assim, ao contrário do destino comum das cativas históricas, Rosalind se torna uma ajudante do xamã, o curandeiro indígena *Mira más lejos*, passando a chamar-se *Pregunta Siempre*. Ao invés de se recusar a (re)conhecer o outro, como fizeram os outros cativos que foram capturados com ela, Rosalind se adapta ao novo mundo e se torna ajudante do *machi* dos

---

<sup>17</sup> “los bordes de carne [...] me hablaban de un tiempo irremediabilmente sajado y dividido”.

indígenas (curandeiro/médico), aprende a profissão e estabelece uma amizade profunda com ele.

O exílio passa a ser voluntariamente assumido pela personagem como viagem de descoberta de si mesma e dos outros. Ao contrário de Dona Ana de Cáceres, que também fora raptada e que insistia em usar uma mantilha negra espanhola sobre o rosto, Rosalind reconhece que tinha que “levantar o véu para conhecer um outro lado de mim mesma” (LOJO, 2014, p. 51, tradução nossa)<sup>18</sup>. Ao longo dos anos, Rosalind tem oportunidades de fuga, mas opta por ficar: “Assim, converti em liberdade minha condenação, e estive na terra, não como quem não pode fugir, mas como quem a escolheu” (LOJO, 2014, p. 173, tradução nossa)<sup>19</sup>. Ela transforma sua prisão em um caminho de aprendizagem, no qual “a filha do médico, a senhorita do vilarejo, pôde ser também uma feiticeira [...]” (LOJO, 2014, p. 173, tradução nossa)<sup>20</sup>. Assim como as protagonistas Manuela e Eduarda Mansilla dos romances de Lojo, a figura de Rosalind, portanto, se caracteriza por uma subjetividade nômade, que é “uma subjetividade situada mais além do gênero, no sentido de ser dispersa, não binária, múltipla, não dualista, interconectada, não dialética e em um constante fluxo” (BRAIDOTTI, 2000, p. 165, tradução nossa)<sup>21</sup>.

Rosalind teve que “cruzar o oceano, adquirir outra língua, mudar de trajes como se fossem disfarces de um teatro [...] para completar o caminho” (LOJO, 2014, p. 11, tradução nossa)<sup>22</sup>. Nesse sentido, a concepção da subjetividade nômade sintoniza-se com a concepção barroca do mundo como um teatro, devido ao caráter transitório dos papéis atribuídos a cada um. O nome da protagonista evoca a personagem Rosaura, do drama *La vida es sueño* (1635), de Calderón de la Barca, que se veste de homem para viajar em busca da reparação de sua honra, assim como a personagem Rosalind da peça de Shakespeare *As you like it* (1599), citada na narrativa. A personagem homônima se veste de homem para enfrentar um exílio imposto por seu tio e “se sente tão confortável em traje de cavaleiro como em suas vestes de donzela, tão à vontade nos bosques e no desterro, como nos esplendores da corte” (LOJO, 2014, p. 28, tradução nossa)<sup>23</sup>, assim como a personagem

---

<sup>18</sup> “levantar el velo para conocer el otro lado de mí”.

<sup>19</sup> “Así, convertí en libertad mi condena, y estuve en la tierra, no ya como quién no puede irse, sino como quien la ha elegido”.

<sup>20</sup> “la hija del médico, la señorita de aldea, pudo ser también una hechicera [...]”.

<sup>21</sup> “una subjetividad situada más allá del género, en el sentido de ser dispersa, no binaria, múltiple, no dualista, interconectada, no dialética y en un constante flujo”.

<sup>22</sup> “cruzar el océano, adquirir otra lengua, cambiar de trajes como si fueran los disfraces de un teatro [...] para completar el camino”.

<sup>23</sup> “se halla tan cómoda en traje de caballero como en su propia vestidura de doncella, tan a gusto en los bosques y en el destierro, como en los esplendores de la corte”.

lojiana se adapta à vida nos pampas. De tal forma, a protagonista de *Finisterre*, assim como as protagonistas do teatro barroco mencionadas, se caracterizam por uma subjetividade nômade que, de acordo com Braidotti (2000), apresentam uma simultaneidade de identidades complexas e multidimensionadas.

Por ser galega e filha de um irlandês, Rosalind é uma personagem duplamente exilada, pois “a soberba de Castilla olhava a nós galegos como se fôssemos outros índios” (LOJO, 2014, p. 83, tradução nossa)<sup>24</sup>, assim como os camponeses irlandeses eram “os índios da Grã Bretanha”(LOJO, 2014, p. 83, tradução nossa)<sup>25</sup>. Ela cruza o Atlântico, em sua viagem de autodescoberta, partindo e voltando a Finisterre, “ao *Finis Terrae*: o limite do mundo familiar” (LOJO, 2014, p. 11, tradução nossa)<sup>26</sup>, ao passo que Elizabeth, sua fascinada leitora, começa seu próprio caminho de Finisterre por meio da leitura das cartas, deixando o mundo seguro de Londres e se assomando “ao lado cego de sua vida, à memória negada dos que a precederam” (LOJO, 2014, p. 12, tradução nossa)<sup>27</sup>.

Após a leitura das cartas que narram a história de Rosalind, Elizabeth decide deixar de ser uma leitora passiva e passa a ser protagonista de sua própria história, ao decidir viajar para conhecer suas origens em terras argentinas, sem pedir a anuência de seu pai. Assim, Elizabeth decide não renunciar a sua dupla origem indígena e inglesa, e parte numa viagem de autodescoberta, uma migrância voluntária, para conhecer “os outros que também são os meus” (LOJO, 2014, p. 207, tradução nossa)<sup>28</sup>.

Do mesmo modo, ao final da narrativa epistolar, Rosalind afirma sua identidade múltipla, pois assume ser Rosalind, a galega-irlandesa, assim como também é a índia ranquel-mapuche, a xamã *Pregunta Siempre*. Como portadora de uma subjetividade nômade, Rosalind se posiciona pela renúncia e desconstrução de qualquer sentido de identidade fixa, reivindicando uma identidade plural e multifacetada.

Assim, pode-se concluir que a migrância efetuada pelas protagonistas de *Finisterre* não diz respeito apenas à travessia física de territórios. A esta dimensão exterior da migrância como deslocamento físico, sobrepõe-se a dimensão interior, ontológica e simbólica da migrância: o deslocamento dos sentidos e dos sujeitos na experiência da alteridade (OUELLET, 2005).

---

<sup>24</sup> “la soberbia de Castilla nos miraba a los gallegos como a otros indios”.

<sup>25</sup> “los indios de la Gran-Bretaña”.

<sup>26</sup> “al *Finis Terrae*: al límite del mundo familiar” .

<sup>27</sup> “al lado ciego de su vida, a la memoria negada de los que la precedieron”.

<sup>28</sup> “los otros que también son los míos”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As protagonistas das narrativas analisadas revelam uma trajetória que vai da submissão à sociedade patriarcal até a emancipação feminina, ainda que nos moldes permitidos pela sociedade argentina da época. Buscamos demonstrar as estratégias presentes nos romances de María Rosa Lojo para levantar as vozes femininas silenciadas e reivindicar o valor de suas produções literárias, bem como de suas trajetórias profissionais, o que ocorre muitas vezes pela mediação de personagens subalternos, como as secretárias de Eduarda Mansilla e Victoria Ocampo, nos romances *Una mujer de fin de siglo* e *Las libres del Sur*, respectivamente.

Desse modo, as protagonistas dos romances lojianos demonstram tanto suas preocupações pelos problemas da condição feminina numa sociedade patriarcal, bem como sua visão muitas vezes transgressora sobre o projeto fundacional argentino exercido exclusivamente pelos homens brancos, e que buscou apagar o índio, o mestiço e outras minorias étnicas da memória nacional.

## REFERÊNCIAS

BRAIDOTTI, Rosi. *Feminismo, diferencia sexual y subjetividade nómade*. Barcelona: Gedisa, 2000.

CUNHA, Gloria da (Org.). La narrativa histórica de escritoras latinoamericanas. In: *La narrativa histórica de escritoras latinoamericanas*. Buenos Aires: Corregidor, 2004, p. 11-27.

FILER, Malva E. *Una mujer de fin de siglo: Eduarda Mansilla, una vida y una época*. In: ARANCIBIA, Juana A.; FILER, Malva E.; TEZANOS-PINTO, Rosa (Org.). *María Rosa Lojo: la reunión de lejanías*. Buenos Aires: Instituto Literario y Cultural Hispánico – ILCH, 2007, p. 197-203.

GIUFFRÉ, Mercedes (Org.) *En busca de la identidad* (La Novela Histórica en Argentina). Buenos Aires: Ed. del Signo, 2004.

GUERREIRO, Leila. La reina de las pampas entre el místico y el ogro. *La Nación*. Buenos Aires. 2004. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/cultura/la-reina-de-las-pampas-entre-el-mistico-y-el-ogro-nid583674/>. Acesso em: 19 jun. 2020.

MIRANDA, Kátia Rodrigues Mello; RIBEIRO, Fernanda Aparecida; MARCARI, Maria de Fátima Alves de Oliveira. O protagonismo feminino nas narrativas de María Rosa Lojo. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 2 (2020), p. 84-102.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 09 set. 2020.

LEHMAN, Kathryn. Navegando en la narrativa histórica para encauzar el futuro: deseo romántico y sujeto nacional en la narrativa de María Rosa Lojo. In: ARANCIBIA, Juana A.; FILER, Malva E.; TEZANOS-PINTO, Rosa (Org.). *María Rosa Lojo: la reunión de lejanías*. Buenos Aires: Instituto Literario y Cultural Hispánico – ILCH, 200, p. 53-63.

LOJO, María R. *Escritoras y secretarias*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2014b.

\_\_\_\_\_. *Finisterre*. Buenos Aires: Debolsillo, 2014.

\_\_\_\_\_. *La princesa federal*. Buenos Aires: Planeta, 1998.

\_\_\_\_\_. *Las libres del Sur*. Buenos Aires: Sudamericana, 2006.

\_\_\_\_\_. *Una mujer de fin de siglo*. Buenos Aires: Debolsillo, 2007.

\_\_\_\_\_. Una mujer en rojo punzó. *La prensa*. 2010. Disponível em: <http://www.laprensa.com.ar/362987-Una-mujer-en-rojo-punzo-.note.aspx>. Acesso em: 19 jun. 2020.

MANSILLA, Eduarda. *Recuerdos de viaje*. Edición. J.P. Spicer-Escalante. Buenos Aires: Stock Cero, 2006.

MÁRMOL, José. Manoela Rosas. Rasgos biográficos. Disponível em: [http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/manuela-rosas-rasgos-biograficos/html/2da172c0-a0f7-11e1-b1fb-00163ebf5e63\\_2.html#I\\_0\\_](http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/manuela-rosas-rasgos-biograficos/html/2da172c0-a0f7-11e1-b1fb-00163ebf5e63_2.html#I_0_). Acesso em: 30 jun. 2020.

MATHIEU, Corina. Argentina. In: CUNHA, Gloria da (Org.) *La narrativa histórica de escritoras latinoamericanas*. Buenos Aires: Corregidor, 2004, p. 29-68.

MÓNACO, Ricardo. Interdiscursividad e indagación genérica en la ficción histórica de María Rosa Lojo. In: ARANCIBIA, Juana A.; FILER, Malva E.; TEZANOS-PINTO, Rosa (Org.). *María Rosa Lojo: la reunión de lejanías*. Buenos Aires: Instituto Literario y Cultural Hispánico – ILCH, 2007, p. 183-189.

OUELLET, Pierre. *L'esprit migrateur*. Montreal: VLB, 2005.

RIBEIRO, Fernanda A. A recriação da personagem Victoria Ocampo em *Las libres del Sur*, de María Rosa Lojo. In: *Hispanismo & fronteira*. VI Congresso Brasileiro de Hispanistas. II Congresso Internacional da Associação Brasileira de Hispanistas. Campo Grande-MS: Editora da UFMS, 2010.

MIRANDA, Kátia Rodrigues Mello; RIBEIRO, Fernanda Aparecida; MARCARI, Maria de Fátima Alves de Oliveira. O protagonismo feminino nas narrativas de María Rosa Lojo. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 2 (2020), p. 84-102.  
Curitiba, Paraná, Brasil  
Data de edição: 09 set. 2020.

MARIA DE FÁTIMA ALVES DE OLIVEIRA MARCARI é mestre em Letras pela Unesp – Universidade Estadual Paulista (2003) e doutora em Letras pela mesma instituição (2008). Atualmente é professora da Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras de Assis (Unesp), atuando como professora e pesquisadora na graduação e no Programa de Pós-graduação em Letras – Literatura e vida social, no mestrado e no doutorado acadêmicos (conceito Capes 5). Suas pesquisas concentram-se principalmente nos seguintes temas: literatura e memória, narrativa de autoria feminina, romance histórico contemporâneo, literatura latino-americana, literatura comparada.

FERNANDA APARECIDA RIBEIRO é mestre em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (2004), doutora em Letras/Literatura – Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social (2010) pela UNESP/Assis, com pós-doutorado pela Universidade Vale do Rio Verde (2016). Desde 2010, é professora efetiva na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e atua como professora e pesquisadora do Mestrado Profissional em História Ibérica. Suas pesquisas concentram-se na área de literatura hispano-americana e latino-americana, atuando especialmente nos seguintes temas: literaturas de autoria feminina; Ficção e História na literatura latino-americana.

KÁTIA RODRIGUES MELLO MIRANDA é mestre (2007) e doutora (2013) em Letras pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Desde 2014 é professora efetiva da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, atuando como docente e pesquisadora na graduação e no Programa de Pós-graduação PROFLETRAS. Suas pesquisas concentram-se principalmente nos seguintes temas: narrativa de autoria feminina, narrativa de extração histórica, literatura hispano-americana e latino-americana, literatura e ensino de língua, ensino e aprendizagem de língua estrangeira (espanhol).

MIRANDA, Kátia Rodrigues Mello; RIBEIRO, Fernanda Aparecida; MARCARI, Maria de Fátima Alves de Oliveira. O protagonismo feminino nas narrativas de María Rosa Lojo. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 2 (2020), p. 84-102.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 09 set. 2020.